

QUEM É TEU IRMÃO?

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rahner, Karl, 1904-1984

Quem é teu irmão? / Karl Rahner ; tradução de Luiz João Gaio. - São Paulo : Paulus, 2025.

(Coleção Biblioteca de Teologia)

ISBN 978-85-349-5913-1

Título original: Wer ist dein Bruder?

1. Fraternidade - Aspectos religiosos – Cristianismo 2. Vida cristã I. Título II. Gaio, Luiz João III. Série

25-4635

CDD 241.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Fraternidade – Aspectos religiosos – Cristianismo

KARL RAHNER

Tradução
Luiz João Gaio

QUEM É TEU IRMÃO?



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Wer ist dein Bruder?*

© Verlag Herder, Freiburg im Breisgau, 1981

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme, Nilo Luza,

Tatianne Francisquetti, Lucas Giron

Design

Andrea Cristina Florez Marin

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-5913-1

ÍNDICE

Prefácio	7
Introdução	9
I. Preâmbulos	11
1. O amor a Deus e ao homem	11
2. Unidade entre disposição interior e ação	15
3. O aspecto histórico do amor ao próximo	15
II. Situações de hoje	17
1. Nova situação para a fraternidade cristã	17
2. O mundo da intercomunicação	22
III. Consequências	27
1. O risco da verdadeira fraternidade	27
2. A abertura da fraternidade	29
3. A missão cristã da fraternidade	34
4. A dimensão social da fraternidade	35
5. Fraternidade na comunidade	40
6. Uma fraternidade professada	42
Epílogo – O mistério da fraternidade desinteressada	47

PREFÁCIO

O presente livrinho oferece os pontos essenciais de uma conferência que dei em 10 de novembro de 1980, na Universidade de Graz (Áustria). O tema “fraternidade” já estava fixado: foi o *leitmotiv* do encontro diocesano da diocese de Graz-Seckau.

O limite de tempo de uma hora impunha drásticas reduções: com efeito, o que se pode dizer em tão reduzido espaço de tempo sobre tema tão vasto e importante?

Espero que o leitor deste livrinho saiba aceitar as considerações, escolhidas um pouco arbitrariamente, que lhe são apresentadas em torno do tema “Quem é meu irmão?”. Esta indulgência é também um sinal daquela fraternidade que, na Igreja, cada qual deve conceder ao outro.

KARL RAHNER

INTRODUÇÃO

Disponho-me a tratar neste escrito do tema da fraternidade cristã – em seus fundamentos e em suas possibilidades, bem como nas dificuldades que hoje encontramos –, proposto pela pergunta: “Quem é teu irmão?”. Devo reconhecer que ele é tão vasto que me faz correr o risco, na inevitável escolha que devo fazer, de falar precisamente daquilo que o leitor não espera. E assim poderia acontecer que esse leitor, desiludido e frustrado, pusesse de lado este livrinho. Contudo, é mister correr esse risco.

Portanto, a exposição se desenvolverá da seguinte maneira: inicialmente, serão propostas algumas *reflexões teológicas* (I) de caráter geral sobre este tema. Depois, a atenção será dirigida para o fato de que a fraternidade cristã se encontra numa *situação totalmente nova* (II). Como conclusão, dessas duas reflexões, serão tiradas algumas *consequências* (III) para a vida cristã concreta.

PREÂMBULOS

1. O amor a Deus e ao homem

Antes de tudo, apresentamos alguns tópicos sobre a relação fundamental entre o amor a Deus e o amor ao homem.

Como é comumente entendida no ambiente cristão, na pregação e na aula de religião (admitidas as devidas exceções), tal relação é compreendida de maneira muito superficial. Com efeito, exige-se do homem que tenha uma verdadeira relação salvífica com Deus, o que se descreve sumariamente como: amar a Deus sobre todas as coisas. Essa relação exige depois a observância dos Mandamentos de Deus, sem a qual Deus não pode ser verdadeiramente amado. E a esses Mandamentos pertence também o do amor ao próximo.

Entendida assim a relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, este aparecerá ao mesmo tempo como algo relativamente evidente e, contudo, verdadeiramente difícil de realizar, e, por isso, na vida concreta, será como que o teste do amor a Deus. Mas, nessa visão, a relação entre o amor de Deus e o amor do próximo é compreendida apenas de maneira verdadeiramente superficial.

O amor a Deus como o uno e o tudo

É quase inevitável entender erroneamente a essência do amor a Deus, se esta for concebida como a observância de um único mandamento particular entre muitos. Deus seria

bem pouco compreendido se fosse pensado simplesmente como uma realidade parcial na soma de todas as realidades. Da mesma forma, o amor a Deus não pode ser considerado uma prestação particular entre as muitas da existência humana. O amor a Deus é o tudo da livre realização da vida humana. Por isso, não é o conteúdo de um mandamento particular; antes, é o fundamento e o fim de todos os mandamentos particulares. E é o que deve ser somente quando Deus é amado por si mesmo, quando o amor, portanto, não é vivido para que o homem, com a realização de façanhas individuais que as pessoas exigem de si mesmas, se afirme e se realize, mas, antes, quando neste amor – longe de buscar secretamente o próprio eu – o homem sai de si mesmo, se esquece em Deus, se perde verdadeiramente naquele infável mistério ao qual se dá voluntariamente.

O homem alcança sua plenitude no único ato total de sua existência: no amor a Deus unicamente por si mesmo. Mas essa plenitude só pode ser alcançada se, no fim das contas, não for a ela que se busca, mas a Deus. Enquanto tal amor é o todo do desenvolvimento da existência humana, nada há que possa ser mais óbvio do que ele, porque somente o todo pode explicá-lo e torná-lo compreensível, e não a parte. Enquanto este amor é doação a Deus, que é o mistério incompreensível destinado a permanecer tal por toda a eternidade, ele mesmo permanece como algo inconcebível, isto é, não fracionável em elementos que, tomados singularmente, seriam mais inteligíveis. Quando, na pregação, o amor a Deus é exaltado como a condição da salvação, certamente não se quer fazer referência a uma conquista particular do homem, e sim à sua única e total autorrealização – coisa esta evidente e incompreensível ao mesmo tempo –, na qual o homem dá a si mesmo a Deus.

Se tivermos presente isso e, ao mesmo tempo, nos reconhecermos como caracterizados por uma subjetividade voltada para nós mesmos e nunca pronta a sair verdadeiramente de si mesma, tal amor de Deus por si mesmo, ou seja, esse sair da estreiteza da própria existência, aparece então necessariamente como o milagre que, no fundo, só Deus nos pode dar. Se esperamos a salvação de todos os homens, então desejamos também para nós mesmos aquele inefável prodígio do amor de Deus que nos concede a verdadeira obra salvífica da nossa vida. E nesta devemos esperar firmemente, apesar da realidade do egoísmo humano, quer este se apresente como voltado para o mal, quer se apresente como algo sublime.

É no amor a Deus assim concebido que devemos pensar quando falamos da relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo – e não numa ação moral particular.

Relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo

Mas o amor a Deus não está em relação ao amor ao próximo somente pelo fato de que o amor ao próximo é exigido pelo primeiro e, de alguma forma, tem uma função de teste. A relação é mais estreita: o amor a Deus e o amor ao próximo pressupõem-se mutuamente. O amor ao próximo não é apenas exigido pelo amor a Deus e consequência deste, mas, de certa forma, é a condição que o precede.

Esta relação de recíproco condicionamento, de recíproca inclusão, naturalmente não deve ser compreendida no sentido de um humanismo secularizado, como se o amor a Deus não passasse de uma palavra mitológica e fora de moda para exprimir o amor ao próximo, palavra esta que, no fundo, hoje se poderia deixar de lado no caso de um decidido e altruísta amor ao homem. Deus é mais do que um homem, infinitamente mais.

Ele é o Deus que se deve, adorando, amar acima de qualquer outra realidade humana. Contudo, permanece uma estreita relação entre amor a Deus e amor ao próximo, pois de fato se condicionam mutuamente. Não existe nenhum amor a Deus que já não seja em si mesmo amor ao próximo e que, através do exercício do amor ao próximo, não alcance seu fim. Somente quem ama o próximo pode saber que verdadeiramente ama a Deus. E somente quem, no fundo, ama a Deus pode conseguir (de maneira reflexa ou não, este é outro problema) entrar incondicionalmente em relação com o outro homem, sem fazer dele um meio para a própria autoafirmação.

Se no incondicionado amor ao próximo já está verdadeiramente presente o amor a Deus, isso não implica nenhuma diminuição ou falsificação do verdadeiro amor ao próximo. Deus não é o concorrente do homem, mas aquele que torna o homem compreensível, aquele que lhe dá sua verdadeira e radical dignidade e significação, estando no mais íntimo do homem e, ao mesmo tempo, superando-o infinitamente. A existência (*ex-sistere*) em Deus é a mais profunda interioridade do homem. Enquanto é amado *em* e *por* Deus, o homem é amado no seu ser e no significado último, e, enquanto se abre verdadeiramente para o amor ao próximo, lhe é dada a possibilidade de sair de si mesmo para amar a Deus.

De per si, a relação que há entre o amor a Deus e o amor ao próximo deveria ser levada em consideração de maneira muito mais precisa e insistente, se realmente quiséssemos compreender a fundo o que é a fraternidade cristã. Se essa fraternidade cristã é, em última análise, apenas outra palavra para indicar o amor ao próximo, e se esse amor ao próximo encerra em si o mistério do amor a Deus, que é a plenitude da verdadeira realização existencial, então devemos ter presente esse caráter de mistério quando, nas páginas que seguem, falarmos da fraternidade cristã.

2. Unidade entre disposição interior e ação

Na antropologia católica existe, ao mesmo tempo, unidade e diversidade entre disposição interior (*Gesinnung*) e ação (*Tat*). Com o termo *ação*, entendemos uma obra concreta verificável e controlável que se pode circunscrever, descrever e organizar racionalmente. Com *disposição interior*, entendemos, no fundo, a única e total relação do homem com Deus e com o próximo. Disposição interior e ação não deveriam ser separadas entre si, e, contudo, elas não são idênticas. Uma autêntica disposição interior só é tal se se concretiza numa ação, sem por isso tornar-se necessariamente compreensível e controlável.

Pelo contrário, com a ação, a disposição interior leva a si mesma, quer à própria inevitável manifestação, quer também à própria ocultação, visto que a disposição interior na necessária objetivação da ação não pode ser captada e fixada de maneira adequada na reflexão do próprio agente e dos que observam.

Por causa dessa relação de unidade e diferença, uma ética dos sentimentos interiores e uma ética do agir não podem ser consideradas como duas entidades, no fundo, idênticas ou suscetíveis de escolha. Por isso, também no que se refere ao amor ao próximo, à fraternidade cristã, não é possível escolher entre uma ética dos sentimentos interiores e uma ética do agir. A disposição interior não pode dispensar a ação, mas também não se esgota numa obra exterior.

3. O aspecto histórico do amor ao próximo

O amor ao próximo apresenta uma verdadeira dimensão histórica que deve concretizar-se na ação. Esse amor concreto assume necessariamente, na história, uma forma sempre nova e diferente, de acordo com os homens e suas situações. Mas, se